

bico de candil

> A peça

Bico de candil com as superfícies externas facetadas e o interior do canal abaulado. Conserva cerca de 8 centímetros de comprimento, 3 de largura e 3,2 de altura. Fabricado com uma pasta clara, depurada, com poucos elementos não plásticos. Com vestígios de engobe ainda observáveis na superfície externa, a sua ponta encontra-se ligeiramente queimada, evidenciando a sua função original.



Tradicionalmente designado por "bico de pato", esta peça integra um tipo de candil muito difundido no Sul peninsular em meios islâmicos do séc. XI, na denominada "Época das Taifas". No séc. XII, ainda se verifica a presença de exemplares morfológicamente aproximados no registo arqueológico.

✓ O grupo

Os candis são um dos objetos cerâmicos mais comuns nos conjuntos de cerâmica islâmica, tendo sido desenhados para colmatar uma necessidade básica do quotidiano, a iluminação. Estes artefactos viriam a ser alvo de uma longa evolução morfológica, na qual este modelo de "bico de pato" é um das variantes mais reconhecidas.

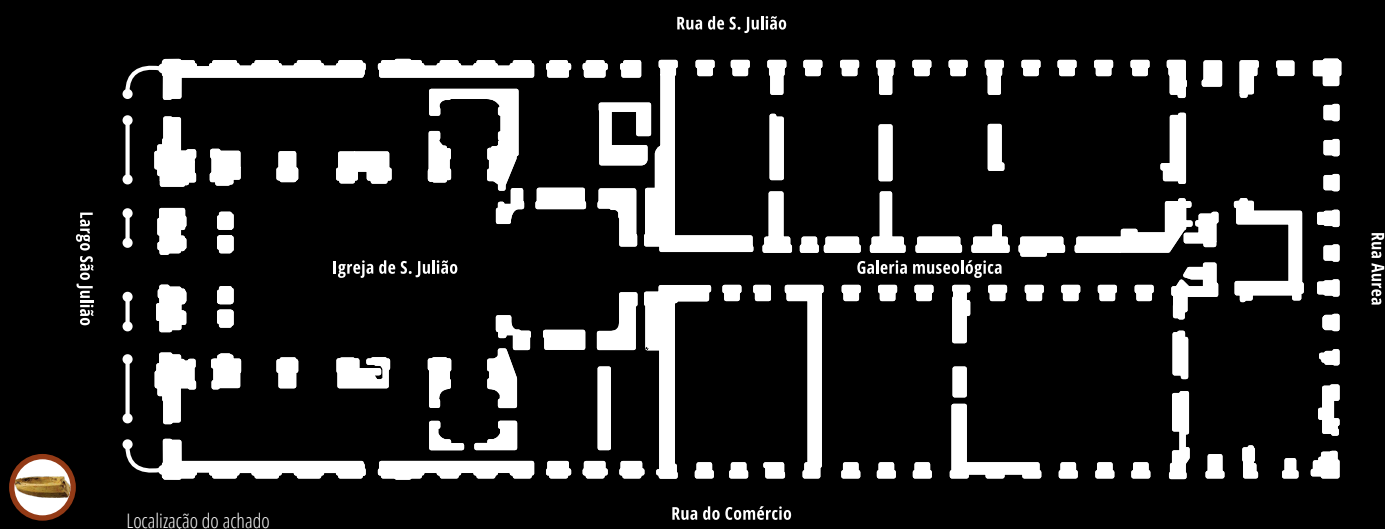
O termo candil deriva do árabe *qandil* e, no Al – Andalus, encontra-se referido por dois autores árabes do século XI, Ibn Mugit e Al Buntj,.

Recorrendo ao azeite como combustível, os candis "bico de pato" eram compostos por quatro partes distintas: o depósito circular; o canal na parte frontal, onde se encontrava a mecha e se fazia a queima; o colo no topo, para alimentação do depósito; e a asa circular na parte posterior que facilitava o transporte da peça. As suas pastas eram de boa qualidade e, habitualmente, o seu acabamento era constituído por engobe, como é o nosso caso, ou por vidrados monocromos, também eles presentes na coleção exumada no Edifício Sede do Banco de Portugal.



Reconstituições 3D | © Illusive





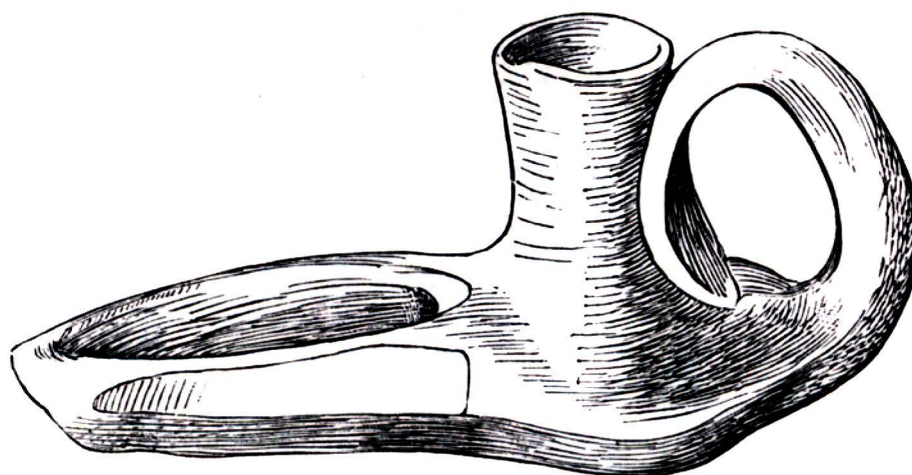
^ O achado

Este candil foi recolhido nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados na parte central do quarteirão do Edifício Sede do Banco de Portugal, perto da zona do saguão a cerca de 4 metros de profundidade. Arenosas e de tons esverdeados, estas camadas depositaram-se maioritariamente entre os séculos X e XII numa área ainda ocupada pelas águas do rio.

✓ Outras informações

No registo arqueológico português, a evolução dos artefactos de iluminação acabaria por deixar abundantes testemunhos com os candis, incluindo a variante “bico de pato”, surgida numa fase intermédia desse percurso. Antecedidos pelas lucernas de época romana e formas derivadas e substituídos pelas candeias medievais e modernas, nos próprios candis de época islâmica foi notória a evolução entre os exemplares mais antigos, de bico arredondado, e os mais recentes, de bico facetado.

O desenvolvimento dos artefactos de iluminação foi acompanhado pela profusão de designações que refletem não só a sua diversidade formal como também alguns regionalismos: “lucerna”, “lâmpada”, “lâmparina”, “candil” e “candeia” são aplicados muitas vezes aos mesmos objetos.



Candil semelhante descoberto no Algarve. VASCONCELLOS, L. (1903) – Candeias árabes do Algarve in *O Arqueólogo Português*. 1.ª série, vol. VII. Lisboa: Imprensa Nacional, p.121.